



---

O EGO ILUSÓRIO

---

BUDISTA E A MULTIFACETADA

---

VIOLÊNCIA CONTRA

---

A MULHER BRASILEIRA

---

LUIZ ALENCAR LIBÓRIO  
JANICE MARIE SMREKAR ALBUQUERQUE

*Resumo: o tema da violência é sempre atual porque tem suas raízes nas profundezas do ser humano, estimulada ou não pela dimensão social. No budismo, a religião pacífica, a violência tem suas raízes no ego ilusório por causa do apego do nosso eu (que não é nem substancial nem permanente) às coisas e pessoas com as quais convivemos. No Brasil, a influência das três principais etnias miscigenadas e o machismo cultural reinante desde as origens da colonização têm concebido a mulher como subalterna ao homem, que a possui como coisa e contra quem têm sido praticadas múltiplas violências, muitas vezes, com o medo de perder o objeto da paixão (amor), sobretudo nas classes econômica e culturalmente pobres, na sociedade brasileira atual*

*Palavras-chave: ética e práticas sociorreligiosas, identidade e pluralismo religioso, apego, violência, mulher*

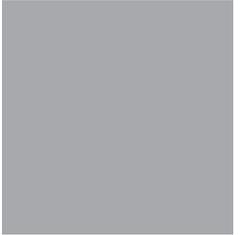
**E**ste artigo visa mostrar, num enfoque de gênero, como as etnias de orientação budista e cristã concebem e praticam ou não a violência contra a mulher na sociedade atual.

Os povos regidos pela doutrina budista concebem a origem da violência contra a mulher partindo da raiz do ser humano, de suas profundezas.

O cristianismo, ao contrário, enfatiza mais a dimensão social e estrutural.

O budismo, chamado de religião pacífica, tem uma concepção da violência praticada contra a mulher em sua raiz mais profunda: o ego ilusório.

O ego ilusório consiste na concepção e prática de que o nosso eu é



substancial e permanente, camuflando e iludindo o eu verdadeiro de sua real direção, o *atman*: a transcendência do homem.

Como o machista de nossa cultura cristã brasileira, desde as origens coloniais, usou a mulher como objeto de sua paixão (amor), pensando que ela preencheria plenamente o vazio do coração do homem (e não o *atman*), muitos tipos de violência têm sido praticados contra ela pelos homens de todos os tempos, em particular os mais pobres e incultos, tentando perenizar o domínio sobre a pessoa possuída: a mulher brasileira.

Inicialmente, serão tecidas algumas considerações sobre Buda e a doutrina budista sobre a fonte da violência e logo após sobre a multifacetada violência praticada contra a mulher, na sociedade brasileira atual, tão marcada pela violência pessoal e sistêmica.

#### A VISÃO BUDISTA SOBRE A ORIGEM DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

O budismo é conhecido como a religião que utiliza a *ahimsa* (não-violência), e a violência, de um modo geral, pode ser entendida como “todo e qualquer ato que visa remover um obstáculo (coisa ou pessoa) à realização pessoal ou grupal” (ANZAI, 2003, p. 18).

A violência pode ser entendida também como microscópica e macroscópica. A violência microscópica tem suas primeiras raízes na cotidianidade do existir, quando os ideais colidem com a realidade nua e crua que não se esperava vivenciar, ou seja, quando o homem se depara com características da personalidade e das realidades da mulher antes não conhecidas, sentindo-se ameaçado e respondendo com a violência.

Esse encontro desencadeia no homem e na mulher frustrações, levando-os a atitudes de destruição, gerando tudo isso, como por propagação, à violência macroscópica, nas quais o objetivo primeiro é a destruição da vida, da mulher e do homem.

O budismo não trata tanto da violência “em si”, mas antes do “fato” de querer rejeitar, atacar ou expulsar o que ou quem se opõe à realização humana, segundo a visão dos três caminhos (veículos): o *Mahâyana* (Grande Veículo), o *Hinâyana* (o Pequeno Veículo: monacal) e o *Vajrayana* (budismo tântrico do Tibet).

Vejamos, inicialmente, alguns dados da vida de Sidharta Gautama (o futuro Buda) e depois a sua doutrina sobre a dor, o sofrimento e a violência causados

pelos desejos do *ego* ilusório, incluindo também a posse da mulher como objeto do desejo do homem numa cultura machista como a nossa.

#### O Nascimento de Sidharta Gautama

Na encosta sul do Himalaia, ao longo do rio Rohini, vivia a tribo Sakya, governada pelo rei Shudhodana Gautama e sua rainha Maya, que moravam num grande castelo, na capital Kapila, hoje Nepal. Era um rei muito querido por seus súditos.

A rainha Maya era filha de um tio do rei que também era soberano de um distrito vizinho, do mesmo clã Sakya.

Durante vinte anos, o casal real não teve filhos. Uma noite, entretanto, a rainha Maya ficou grávida, quando viu, num sonho, um elefante branco, levando em sua tromba uma flor de lótus, entrar em seu ventre, através da axila direita.

Quando o rei e o povo souberam disso se alegraram intensamente e esperaram com ansiedade o nascimento do príncipe.

Segundo a tradição, a rainha grávida tinha de ir para a casa dos pais para dar à luz o príncipe. No meio do caminho para a casa paterna, a rainha parou para repousar, no bosque Lumbini, num belo dia de primavera. Maravilhada com a beleza das flores de Asoka (*Jonesia Asoka Roxb*), estendeu seu braço direito para apanhar um ramo; ao fazer este movimento, deu à luz o príncipe, ficando todos os presentes, o céu e terra cheios de alegria. Era o dia oito de abril de 566 a.C.

Sentindo uma imensa alegria, o rei chamou seu filho de Siddharta que significa “Todos os desejos cumpridos”.

#### O Encontro de Sidharta Gautama com a Violência e a Mulher

No palácio real, no entanto, à alegria seguiu-se uma profunda tristeza, pois, em breve tempo, morria repentinamente a amável rainha Maya, sendo o pequenino príncipe criado com carinho e desvelo por sua tia Mahaprajapati, irmã mais nova da rainha.

Um ermitão, Asita, vivia nas montanhas próximas, vendo um brilho ao redor do castelo e, julgando isso como um bom presságio, desceu até o palácio, onde lhe foi apresentada a criança. Predisse ele então: “Este

príncipe, se permanecer no palácio, após a juventude, tornar-se-á um grande rei e governará o mundo todo. Porém, se abandonar a vida palaciana e abraçar a vida religiosa, tornar-se-á um Buda, o Salvador do mundo” (ANZAI, 2003, p. 18).

O rei começou logo a se preocupar com essa profecia e tinha medo de seu único filho se tornar um monge errante.

Aos sete anos de idade, o príncipe começou os estudos em letras e artes militares, mas seus pensamentos se dirigiam naturalmente para outras coisas.

Num dia de primavera, o príncipe e o rei saíram do castelo e juntos observavam um agricultor ao arado. Repentinamente, o príncipe viu um pássaro descer ao solo e apanhar um pequeno verme revolvido pelo arado do lavrador.

Quando o pássaro levava o verme pendurado no bico, veio uma ave de rapina e o matou e logo após a ave de rapina foi morta por um caçador. Entristecido, sentou-se à sombra de uma árvore e refletiu sobre o acontecido, dizendo a si mesmo: “Oh! Por que todos os seres vivos se matam uns aos outros?”.

Sidharta era dotado de muita sensibilidade e se encontrou profundamente tocado pela tragédia desses pequenos seres. Essa ferida espiritual aprofunda-se cada vez mais à medida que ele cresce, tornando-se o sofrimento da vida humana sempre mais patente em sua mente jovem, tentando o rei sempre mais distrair o filho das mais diversas maneiras com medo de que a profecia se cumprisse.

Talvez esse encontro com a violência fenomênica (destruição do verme e das aves) fosse despertando Sidharta para a violência que parte do ego ilusório, ao desejar ansiosamente possuir as coisas e pessoas, especialmente a mulher contra quem tanta violência é praticada, pelo fato mesmo de ser mulher, com a utilização de identificações projetivas, amor envidado e ciúmes doentios.

O fato é que, mesmo envolto em tantas reflexões filosóficas e sensibilidades feridas, quando o príncipe completou dezenove anos, o rei arranhou um casamento com a princesa Yashodhara, sua prima legítima, filha de Suprabudha, o senhor do Castelo Devadaha, irmão da falecida Rainha Maya.

Para quem vai depois repudiar os desejos como causas do sofrimento, esse encontro arranjado com uma mulher não lhe robusteceria a mente e o coração sedentos da iluminação.

## Sidharta Gautama Abandona a Mulher e o Filho Rahula

Em sua juventude, o Príncipe vivia mergulhado nas rodas de música, dança e prazeres, mas sempre seus pensamentos se voltavam para o problema do sofrimento, quando tentava, melancolicamente, compreender o verdadeiro significado da vida humana.

Muitos eram os questionamentos que lhe povoavam a mente, a saber:

*As glórias do palácio, esse corpo saudável, essa alegre juventude... que significam isso para mim? Um dia poderemos estar doentes, ficaremos velhos, da morte não há escapatória. Orgulho da juventude, orgulho da saúde, orgulho da existência... todas as pessoas sensatas deveriam deixá-los de lado. Um homem, lutando pela existência, procurará naturalmente auxílio. Mas há dois modos de procurar ajuda: o errado e o correto. O modo errado é reconhecer que a doença, a velhice e a morte são inevitáveis e se buscar ajuda em coisas vazias e transitórias. O modo correto de procurar auxílio é reconhecer a verdadeira natureza da doença, da velhice e da morte e buscá-lo naquilo que transcende todos os sofrimentos humanos. Neste palácio, vivendo uma vida de prazeres, pareço estar procurando auxílio de modo errado (ANZAI, 2003, p. 19).*

Desse modo, os conflitos mentais continuavam a atormentar o espírito do jovem príncipe até a idade de 29 anos, quando nasceu seu único filho Rahula.

Este acontecimento levou-o a abandonar o palácio e buscar solução para a sua inquietude mental, na vida errante de um monge mendicante. Tomada essa decisão, abandonou o castelo, em companhia de seu único criado, Chandaka, montado em seu cavalo branco, Kanthaka. Essa atitude de Sidharta (o abandono da mulher e do filho) para nós ocidentais cristãos se constitui numa grande violência contra a mulher e a criança recém-nascida. Porém, sem dúvida, é um ato que leva Sidharta a estabelecer os limites entre o eu ilusório e o eu verdadeiro.

A mulher e o filho seriam objetos do ego ilusório que desesperadamente quer possuir as coisas, mulher e filho.

Claro que muitos demônios, como a Jesus, tentaram a Sidharta, querendo que ele voltasse ao palácio: “Ser-lhe-ia melhor voltar ao castelo e procurar outra solução; aí então todo o mundo, a mulher e o filho seriam seus”.

Contudo, Sidharta soube silenciar os demônios com a convicção de que nada mundano, inclusive a mulher e o filho, poderia jamais satisfazê-lo. Assim, raspou a cabeça e dirigiu-se para o sul, com uma tigela de monge mendicante na mão, influenciado pelo clima religioso reinante na Índia do século VI a.C.

#### A Corrente Filosófico-Religiosa Predominante na Índia

Por que a inquietação de Sidharta Gautama com o sofrimento desde pequeno quando presenciou a violência contra os três pequenos seres vivos? Por que essa sensibilidade diante do sofrimento, companheiro do ser vivo?

Certamente, muito de temperamental existe em tudo isso, mas o clima filosófico da Índia de então propiciava também esses questionamentos ao homem inteligente e sensível.

Na Índia do tempo de Sidharta Gautama, em plena fase bramânica, diversos movimentos religiosos desconfiavam, como ele próprio, deste mundo e do caráter passageiro da felicidade material (bens) e pessoal (mulher, filho) que neles se pode gozar.

A corrente filosófica predominante afirmava que o homem deveria abandonar todo o esforço para obter o sucesso nessa vida ou para garantir a si uma situação melhor na próxima vida (eterna).

Segundo os brâmanes, a única meta digna de se perseguir é a de terminar definitivamente o ciclo das mortes e dos nascimentos, tomando consciência da identidade do *atman* (realidade interior do homem, “eu” permanente e substancial) e do *Brahman*: Absoluto situado no fundo de toda a existência.

Sidharta discorda desse “eu” permanente e substancial e afirma que é uma ilusão pensar que um “eu” permanente e substancial manteria “juntos” e governaria os cinco agregados do homem (corporeidade, sensação, percepção, volição e conhecimento), sendo isso para Sidharta a fonte de toda a infelicidade e de todo o sofrimento, vindo daí o apego e as reações nefastas como: “isto me pertence” ou “eu sou”, afirmando-se o “eu” e negando os outros.

Nós, cristãos ocidentais comuns (não os místicos), muitas vezes nos iludimos com os cinco agregados do homem, mormente a corporeidade em sua dimensão estética. Quem não se alegra diante do belo, especialmente o belo feminino?

A mulher bonita facilmente desperta a violência do homem que a quer possuir de qualquer jeito. E quando isso não acontece, diversos tipos de violência são utilizados contra a mulher, especialmente na dimensão sexual e genital, como os assédios e o estupro.

Para meditar sobre tudo isso e responder às questões vitais que o atormentavam, Sidharta enceta a sua vida monástica, com uma cuia na mão, em busca da Iluminação, descobrindo, após um tempo de ascetismo rigoroso, que o correto é o “caminho do meio”. Foi iluminando, aos 35 anos, no dia 08.12.531 a. C. , em Bodhgaya, no Noroeste da Índia, e morreu aos oitenta anos, em Kusinagara, após 45 anos de pregação.

A doutrina de Buda para evitar o sofrimento/violência contra si mesmo, as pessoas e a mulher pode ser sintetizada nas quatro nobres verdades como se verá a seguir.

#### AS QUATRO NOBRES VERDADES

A Constatação do Sofrimento e da Violência: primeira nobre verdade

A palavra pâli *dukkha* (em sânscrito: *dubkha*), geralmente, é traduzida por sofrimento, dor, miséria ou pena. No entanto, quando empregada por Buda, pode assumir também o sentido de imperfeição ou impermanência.

Afirmar então que tudo é sofrimento (*dubkha*) quer dizer efetivamente que não há coisa alguma que não esteja submetida a incessantes mudanças. Quanto mais o homem se esgota, procurando alguma coisa permanente à qual se possa apegar, como a mulher, neste mundo efêmero, tanto mais ele sofre (GIRA, 1992).

O budismo também nos chama a atenção para reconhecermos antes a nossa violência do que a nossa doçura. Para Buda, toda existência tem três características: a impermanência (*anitya*), o sofrimento (*dubkha*) e a natureza insubstancial de todas as coisas (*anatman*).

O mal, a violência e o ódio não são somente realidades exteriores a nós, mas o ponto de partida do caminho budista é a honestidade de reconhecermos que o sofrimento está presente em toda a parte, estando primeiramente em nós. A nossa própria violência nos faz sofrer (também resultado da “lei kármica”), levando-nos à cólera e conseqüentemente à violência contra os outros e a mulher (GIRA, 1992).

Uma opinião contrária da mulher, um gesto de desprezo e uma palavra agressiva contra nós bastam para nos fazer sofrer, gerando a violência contra nós, contra os outros e contra a mulher que consideramos como coisa e propriedade nossa, na cultura machista ocidental.

A fonte primeira da ira e violência contra a mulher é o desconhecimento (ignorância) que o homem tem de si mesmo e de sua existência. Por causa dessa ignorância ou mesmo “não-saber” em relação à pessoa da mulher e à existência humana, nós constantemente procuramos o “reconhecimento” (ser de novo conhecido).

Assim, o copo mal lavado que encontramos sobre a mesa, na hora do almoço, um desabafo agressivo da esposa ou funcionária da empresa tornam-se uma verdadeira ameaça à minha pessoa (eu sou gente) e à existência (isso pode me adoecer e levar à morte).

Todos os nossos relacionamentos com as coisas, pessoas e, especialmente, com a mulher, estão eivados dessa realidade: são ou não “favoráveis” a mim? E se há uma forte dosagem de paranóia, o relacionamento com a mulher, seja ela amiga ou esposa, complica-se mais ainda.

O mal não está separado de nós. Nós participamos, a cada instante, de uma violência surda e constante contra o mundo, os colegas, os amigos e as mulheres que não respondem às nossas expectativas, frustrando-nos profundamente, fazendo-nos sofrer e provocando a violência contra nós (violência microscópica) e contra as mulheres com as quais convivemos pelo simples fato de serem culturalmente consideradas como mais frágeis que o homem, em nível de gênero.

De fato, a violência é uma de nossas principais reações diante do sofrimento, entrando como variáveis estruturais o temperamento (muita emotividade ou apatia) e o caráter do indivíduo diante da cultura na qual se insere, especialmente esta machista que tanto discrimina e abusa da mulher.

Segundo os ensinamentos do *Sakyamuni* (Sábio do clã *Sakya*), em todas as escolas budistas, é necessário que reconheçamos o nosso “sofrimento radical”, com sede no ego ilusório, como fizeram Buda e os cinco monges, através das meditações, para chegarem ao nirvana.

Tal é o ponto de partida do ensinamento de Buda.

Reconhecer que o mundo está cheio de sofrimento não é algo místico, mas algo bastante real. Diariamente, milhões de pessoas sofrem fome, frio, calor, doença, desprezo e desamor e milhares de mulheres são esturpadas, feridas e assassinadas em nosso país e no mundo.

A esses sofrimentos se somam os de origem congênita: ser jogado no mundo (perder o paraíso uterino), deformações, velhice e morte, havendo ainda as doenças mentais: neurose, psicose e o desgosto, aflição, desespero, arrogância e ciúmes dos que convivem conosco.

Nós não gostamos de encarar os sofrimentos presentes em nossa vida, preferindo alijá-los, embora, querendo ou não, o nosso corpo conhecerá a doença, a velhice e a morte.

Portanto, não podemos jamais escapar de nossa violência e da violência do mundo, mormente da violência que quer apossar-se da mulher como objeto exclusivo do homem.

Cedo ou tarde, os maiores prazeres do homem, inclusive a posse da mulher, transformam-se em experiência dolorosa por se perceber que eles e ela não são eternos e que não satisfazem plenamente, pois logo ficamos saturados com tudo e com todos, gerando, como dizia Sartre, a náusea existencial.

Para o budismo, diferentemente dos monoteísmos (judaísmo, cristianismo e islamismo) e de outras tradições religiosas, ninguém “de fora” vem nos libertar dessa situação radical de sofrimento e violência e oferecer um paraíso sem dores (Apocalipse 21), sendo por demais importante reconhecer a extensão real do sofrimento.

Toda esperança paradisíaca, como afirmam os monoteísmos, apenas nos adoece cada vez mais, jogando-nos, através dos desejos, numa ilusão existencial e nos aprisionando, através do próprio sofrimento, principalmente quando a mulher é abandonada pelo marido, sem razões sérias, atormentado pelo desejo de uma mulher mais nova, de uma experiência diferente, nesse deslocar-se entre o nascer e o morrer humanos, em que o desejo exerce um papel muito forte, provocando tanto sofrimento e decepção às mulheres.

#### O Desejo como Causa do Sofrimento (violência): segunda nobre verdade

Para Buda, querer agarrar a felicidade por meio de coisas, pessoas e da mulher é uma grande ilusão e seria como se alguém quisesse reter uma fonte de água com as mãos, escoando-se essa fonte entre os dedos, caindo no chão e se transformando em lama, para a nossa decepção.

A causa do nosso sofrimento e da violência, portanto, reside em nosso “apego aos prazeres” que os sentidos nos propiciam, às nossas opiniões e

aos pontos de vista de como são e deveriam ser as coisas, pessoas e mulheres, atacando os outros quando nos sentimos questionados ou em risco.

No entanto, a raiz mais profunda do sofrimento é o nosso apego ao “eu”, ou seja, à crença de que há uma “entidade permanente” que vive todas essas experiências.

Incertos de nossa existência, nós procuramos, sem cessar, nos reconfortar, nos assegurar de nossa existência e de nosso valor. Nós nos esforçamos demais para atender e realizar um “eu” que não existe, sendo o nosso apego ao “eu” a causa da violência que tenta protegê-lo.

A violência contra a mulher é uma tentativa de proteção do eu ilusório.

Mesmo aqueles que sacrificam a própria vida para fazer o mal aos outros, à mulher e para matar (homens-bomba), do ponto de vista budista, não fazem mais que procurar uma segurança mórbida, afirmando sua “identidade ilusória”.

No budismo, há um ponto essencial, o “sacrifício” que é o “não estar no centro de tudo”, abandonando-se à realidade tal como ela é (Princípio de Realidade de Melanie Klein) sem manipular sutilmente as mulheres e os outros para se obter o que se quer. Esse “sacrifício existencial budista” está sempre buscando a impermanência, embora se deixando arrastar pelas correntes da transitoriedade.

Segundo a perspectiva budista, a violência é a consequência da crença errada num “eu” que procuramos proteger porque pensamos que é perece.

Porém, Buda não fala de um estado sem sofrimento, o Nirvana? Não há uma contradição em sua doutrina?

#### A Supressão do Desejo e do Sofrimento: terceira nobre verdade

De fato, Buda apresenta um estado à margem do sofrimento, não no sentido de que lá nós seremos libertados de todas as aflições e violências, mas no qual nós moraremos além do processo mesmo, além do dualismo existencial. Essa é a terceira nobre verdade.

Esse estado chamado Nirvana se aplica à extinção dos desejos e da ignorância e não tanto à aniquilação de um “eu” que não possui nenhuma existência “substancial”.

O Nirvana não deve ser concebido como um estado que se chega após a morte, pois, segundo o budismo, alguém pode, ainda na existência,

como Buda, extinguir todas as paixões, após a Iluminação ou o Despertar. Quando uma pessoa consegue extinguir as paixões em vida é chamada de *arhat*: homem digno de veneração por ter realizado tudo o que era necessário para extinguir suas paixões, especialmente no campo sexual com a mulher.

Se alguém chega ao Despertar (Iluminação) e ainda vive muito, esse tempo serve para esgotar tudo aquilo que resta do fruto cármico, como foi o caso de Buda, que viveu ainda 45 anos após a Iluminação. É o Nirvana, chamado de “incompleto”, daquele que destruiu toda ilusão e todo obstáculo, mas ainda possui um corpo físico.

No momento da morte de um *arhat*, como todo traço do *karma* já se esgotou, os cinco agregados se separam definitivamente, eliminando assim toda a possibilidade de cair novamente na existência (renascimentos). Esse estado se chama Nirvana perfeito.

Para se chegar a esse estado do Nirvana perfeito, é necessário seguir em vida o óctuplo caminho.

#### O Óctuplo Caminho: quarta nobre verdade

A quarta e última nobre verdade apresenta o óctuplo caminho que conduz à cessação do sofrimento. O óctuplo caminho se divide em três partes:

- Conduta ética: palavra reta, ação reta, meio de existência reto;
- Disciplina mental: esforço reto, atenção reta, concentração reta;
- Sabedoria: compreensão reta, pensamento reto (GIRA, 1992).

Esse caminho é profundamente prático e se pode compreender melhor com uma comparação entre Buda e um médico.

O médico diante do sofrimento de um cliente, primeiramente, constata seu sofrimento, sua doença, antes de estudar as causas e de como curar a enfermidade. Só após essas práticas é que o médico passa o remédio que cure a doença que para o budismo é o óctuplo caminho (*Mandala*).

O Mandala não requer nenhuma tortura, nenhuma fuga do mundo, nem indulgência para com os prazeres dos sentidos dos quais somos escravos. Não se trata de suprimir definitivamente a violência, nem de autorizá-la, mas de estabelecer um caminho do meio, no qual a mu-

lher poderia ser a balança equilibradora pelas qualidades femininas que possui: a sensibilidade, a afetividade e o saber cuidar com o coração, ajudando o homem a chegar em Deus.

- O óctuplo caminho se compõe de *shila* (a disciplina), *samadhi* (a meditação ou recolhimento) e *prajna* (a sabedoria discernente). O essencial, na metodologia budista, é “ser consciente”. Consciente do modo como as coisas acontecem. Estar vigilante e em estado de equilíbrio. Atento! Sem se apegar, nem condenar. Sem se identificar com as coisas, pessoas e mulheres como se fossem “meu eu”, com uma libertação progressiva das sujeiras mentais (GIRA, 1992).
- O budismo, portanto, insiste na importância de acompanhar um tal treinamento (prática), com a disciplina de uma conduta justa que consiste em evitar os atos negativos e cultivar os que são benéficos e, pelo conhecimento “não-dual”, (dicotômico) permite ver as mulheres como elas são em sua complexidade pessoal e social (Princípio de realidade).
- Prestar atenção ao nosso próprio “estado de espírito”, ao que nós somos, à violência que surge tão facilmente em nós, contra a mulher e os outros, é a base do caminho budista em face da violência, especialmente a multifacetada violência contra a mulher na sociedade brasileira atual que tanto ainda a discrimina, negando-lhe direitos essenciais, com se verá a seguir.

#### A MULTIFACETADA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER BRASILEIRA

- No Brasil, durante séculos, as mulheres estiveram ausentes da história e da participação político-econômico-social.
- Perpetuou-se uma situação de “normalidade social” encobrendo relações hierárquicas cujos objetivos eram a dominação, exploração e opressão, que acarretavam violações dos direitos humanos e à violência contra a mulher.
- Estabeleceram-se, em nosso país, relações de gênero baseadas no poder e no controle do sexo masculino sobre o sexo feminino.
- A questão da violência contra a mulher numa perspectiva de gênero atinge as mulheres independentemente de idade, classe social, religião, escolaridade, raça/etnia e orientação sexual nos aspectos de violência física, sexual, psicológica, doméstica, verbal, incluindo o assédio sexual e o

assédio moral, no próprio ambiente de trabalho, como também a violência social, institucional, patrimonial, genética e simbólica.

Todo ato violento fere a mulher em toda sua plenitude, na sua existência – essência, na sua identidade como mulher. É uma “forma de dilaceramento do ser social” (FRAGA, 2004). De acordo com Silva (2004, p. 134), “toda violência possui uma intencionalidade – uma teleologia – e conta com operacionalizadores e justificadores. É, por isso, concreta, material e historicamente situada”.

#### A Origem da Violência contra a Mulher

A violência tem seu nascimento nas estruturas de poder nas esferas pública e privada e é reforçado por ideologias que lhe dão legitimidade.

É uma manifestação clara da desigualdade social e racial, de poder entre homens e mulheres, deixando visível a opressão social, através de marcas físicas, psicológicas e morais naquelas que são metade da população brasileira. É uma questão de gênero. A compreensão do conceito de gênero implica identificar os valores atribuídos a homens e mulheres e normas comportamentais neles embasadas.

Almeida (2004, p.15) enumera as conseqüências:

*a interferência destes valores e regras no funcionamento das instituições sociais, a influência de todas essas questões na nossa vida cotidiana, a possibilidade de se ter maior clareza sobre [...] as relações individuais e coletivas entre homens e mulheres. [Para ela a assimetria de gênero é acentuada na sociedade onde o] gênero masculino é o pólo hegemônico.*

#### As Múltiplas Faces da Violência contra a Mulher

A violência contra a mulher tem muitas faces e acontece em dimensões e espaços diversos. É especialmente na própria casa que a violência ocorre. No lar, a mulher sofre violência física, sexual, psicológica e moral. A violência doméstica é a campeã entre todos os tipos de violência contra a mulher e expressa a desigualdade de poder nas relações afetivas e sociais entre homens e mulheres.

A pesquisa A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado foi realizada em 2001 pela Fundação Perseu Abramo com 2.502 mulheres, em 187 municípios de 24 estados, incluindo todas as capitais e os municípios com mais de 500.000 habitantes, sobre a questão das desigualdades de gênero. O foco não foi somente para registrar as condições objetivas de vida das mulheres, mas incluir percepções e anseios sobre diversos aspectos da sua vida (VENTURI; RECAN; OLIVEIRA, 2001).

A pesquisa da Fundação revela que 19% das mulheres entrevistadas, falando espontaneamente, admitiram ter sofrido violência em casa. Ao serem estimuladas pela menção de diferentes tipos de violência – física, psíquica e assédio –, 43% afirmaram ter sido vítima: 33% de violência física, 27% de ameaças, 11% de assédio. A violência física inclui agressão, estupro, ameaça, abuso sexual.

A revista *Isto É* (2005) traz uma reportagem que aponta que no Brasil:

- a cada 15 segundos uma mulher é agredida por seu companheiro;
- 70% das mulheres assassinadas foram vítimas do marido;
- o Brasil lidera o *ranking* da violência doméstica de 54 países – 23% das mulheres;
- a mulher só faz a denúncia após levar, em média, dez surras;
- 30% da população acreditam que a violência seja o principal problema da mulher, depois do câncer de mama, do útero e da Aids.

Na questão da violência doméstica, a polêmica do machismo, da pertença da mulher ao homem, começando com o pai, continuando com o irmão e levando até o namorado e depois marido e companheiro, ainda é predominante no Brasil. De novo, a mulher não é dona de si – tem donos. E a mulher, o que diz?

A pesquisa da Fundação Perseu Abramo (VENTURI; RECAN; OLIVEIRA, 2001) levantou algumas respostas das mulheres sobre o machismo no Brasil:

- 89% dizem que existe e, destas, 73% dizem “muito”.

Na definição de machismo pelas mulheres o homem acha que a:

- mulher tem que obedecer;

- mulher nunca tem razão;
- mulher tem menos direitos;
- mulher tem que ficar em casa;
- mulher não pode trabalhar fora, nem sair sozinha;
- mulher é sua propriedade.

Esse tipo de violência é o que mais está estampado nas manchetes de jornais e revistas. Só em Pernambuco, em 2006, mais de 105 mulheres foram assassinadas).

A violência, no entanto, tem outras faces.

No espaço do trabalho ocorrem o assédio e a violência sexual, seguidos pelo assédio moral, que desqualifica o trabalho, humilha e desmoraliza a trabalhadora e causa intenso sofrimento psicológico e moral.

O cumprimento dos direitos sociais – necessários para garantir minimamente uma qualidade de vida e cuja violação condena a pessoa à exclusão social, miséria e desumanização – é um dever do Estado para com todos os cidadãos. Porém, há alguns segmentos da população cujos direitos são histórica e maciçamente violados, levando a níveis intoleráveis de violência social.

As mulheres, as crianças e os idosos são as pessoas que mais sofrem. No entanto, as mulheres, como responsáveis e, muitas vezes, como chefes de família, precisam lutar para assegurar não somente o seu acesso à saúde, educação, habitação, terra, segurança e alimentação, mas o dos seus filhos e seus pais.

Elas convivem com a violência social triplamente qualificada, como mulher, mãe e filha, em que a morte infantil, materna e do idoso é causada pela absoluta falta de garantias sociais que deveriam ser tarefas do Estado.

A violência institucional é outra face que contribui para a exacerbação do fenômeno. É praticada pelos funcionários que prestam serviços públicos ao serem omissos e, dessa forma, perpetuam a discriminação e a violência, ao invés de protegerem as mulheres vitimadas com atenção humanizada.

A violência patrimonial é pouco percebida e discutida, mas acontece quando dificulta a própria sobrevivência da mulher, o seu acesso ao trabalho, a documentos, a bens, a recursos econômicos ou direitos, com conseqüências negativas para seu crescimento pessoal e profissional, para sua autonomia.

Em todas essas situações, a condição do “ser-mulher” é agravada pela violência racial/étnica. As mulheres negras são mais vítimas de turismo e violência sexual, de discriminação no trabalho, de tráfico para prostituição e de assassinatos.

#### A Nova Violência (Genética) contra a Mulher

Uma outra face da violência contra a mulher que deve ser refletida é a violência genética que reporta à área da bioética.

A bioética começou a ser discutida, no Brasil, na década de 1970. Os cientistas eram maioria absoluta e a Igreja Católica, com seu magistério dirigido à mulher e à família, era hegemônica no campo.

Grande número de médicos se posicionava nesta área e conforme Oliveira (2000, p. 30-1):

*Ao mesmo tempo se constatava a ausência da perspectiva de gênero e de uma abordagem anti-racista explícita, na bioética. Percebia-se também que os movimentos feministas e negros não compreendiam a importância do novo campo [...] a Igreja Católica mantém presença destacada [...] a categoria médica é a predominante. Os fóruns de bioética ainda são feudos masculinos e brancos.*

A bioética é a ética da vida, um novo tipo de humanismo, preocupada com a reflexão e elaboração de normas para os comportamentos de maior aceitação ética nas áreas de biociências. Os temas que mais se destacam são:

- saúde e direitos reprodutivos: concepção, contracepção, esterilização, aborto, infertilidade e novas tecnologias reprodutivas conceptivas (NTRC);
- saúde e direitos sexuais;
- saúde pública;
- transplantes;
- doentes terminais;
- eutanásia;
- manipulações genéticas.

A bioética é necessariamente interdisciplinar porque exige a contribuição de muitos campos do saber. É considerada, também, como espaço de luta que representa o posicionamento científico e moral de movimentos e grupos da sociedade referente às temáticas indicadas.

Segundo Almeida (2000, p. 29), a “bioética pensa, fundamentalmente, em como atuar no presente; em delinear um projeto de futuro mais humanizado e na redistribuição dos cuidados com a saúde de forma universalizada e em condições de igualdade”.

A polêmica levantada indaga se há uma presença expressiva de mulheres na bioética, e mulheres que incorporam uma visão feminista de gênero. Para Oliveira (2000), a conseqüência principal da pouca atuação feminista na bioética é a falta de reflexão sobre questões referentes à opressão e à perspectiva de gênero na abordagem bioética. Para ela:

*Os biocientistas têm se referendado no mundo como as únicas pessoas habilitadas a dizerem qual o melhor caminho [...] em decisões éticas, inclusive daquelas nas quais as mulheres são as principais interessadas: saúde, direitos sexuais e reprodutivos. Noutras palavras, os homens, via bioética, vêm retomando o poder de decidir sobre os corpos e a vida das mulheres (OLIVEIRA, 2000, p. 30).*

A face da violência genética é menos conhecida e debatida por várias razões. Há poucas mulheres bioeticistas e nem todas assumem a perspectiva de gênero.

Existe, também, uma descrença na bioética por causas da consolidação histórica da ética patriarcal, aristotélica e hipocrática, quase impossível de ser contestada ou confrontada. Oliveira (2000) afirma que a presença das mulheres na bioética é algo imprescindível para a elaboração teórico-epistemológico de uma bioética que representa as discussões pertinentes à genética, sobretudo temáticas que influenciam, diretamente, a vida da mulher.

Para terminar esta reflexão, convém analisar o conceito de violência simbólica, resultado do que Bourdieu chama de *habitus*.

De acordo com Lamas (2000, p. 20), Bourdieu define a violência simbólica como “um mecanismo opressor sumamente eficaz precisamente pela introjeção que as pessoas fazem do gênero, [...] dominação com consentimento”.

Lamas (2000) entende, com a sua leitura de Bourdieu, que o corpo é simultaneamente um objeto físico e simbólico, produzido natural e

culturalmente e contextualizado num tempo e espaço concretos. Neste tempo/espaço o social é vivenciado pelo corpo, mas a “sociedade lhe impõe acordos e práticas psico-legais e coercitivas” (LAMAS, 2000, p.21):

*Para Bourdieu, a socialização tende a efetuar uma somatização progressiva das relações de dominação de gênero. Este trabalho de inculcação, ao mesmo tempo socialmente referendado e sexualmente diferenciado, impõe a ‘masculinidade’ aos corpos dos machos humanos e a ‘feminilidade’ aos corpos das fêmeas humanas. Assim, a somatização do arbítrio cultural também se torna uma construção permanente do inconsciente (LAMAS, 2000, p. 21).*

O *habitus* definido por Bourdieu determina culturalmente as atividades e expectativas das pessoas, compatíveis com as demandas pré-estabelecidas nas situações sociais; quer dizer, os *habitus* incorporam uma construção social biologizada.

Para Bourdieu (*apud* LAMAS, 2000, p. 20), os *habitus* são “sistemas perduráveis e transferíveis de esquemas de percepção, apreciação e ação, resultantes da instituição do social nos corpos”.

São inculcados normas e valores tácitos considerados naturais de forma inconsciente como resultado da concretidade da relação de poder natural de acordo com uma ordem social masculina que não precisa ser justificada, mas que simplesmente é. “Os conceitos cotidianos sobre o feminino e o masculino estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda vida social” (LAMAS, 2000, p. 20).

A violência contra a mulher tem muitas faces. Será necessária uma revolução simbólica que conteste “os próprios fundamentos da produção e reprodução do capital simbólico e assinale a liberação das mulheres” (LAMAS, 2000, p. 21).

## CONCLUSÃO

A sede do preenchimento do vazio ôntico-psíquico do homem o lança na direção do objeto que ele pensa poder realizá-lo plenamente, em nível do ser, ter e poder.

- Pela própria experiência, sabe-se que ninguém nem nada preenchem totalmente esse vazio do coração humano. No entanto, é importante, ao menos para nós brasileiros, saber conviver com esse desejo que nos lança para frente e nos fazer ser cultura: tudo aquilo que resulta do debruçar-se diário do homem sobre a face da terra.
- O cristianismo sempre nos alertou que esse vazio só Deus o preencherá. No entanto, os objetos dos nossos desejos devem ser valorizados, ao menos como trampolim para o Todo.
- No budismo, há uma visão do caminho do meio (*Madhyamaka*) que se afasta, de um lado, dos prazeres e das ilusões da vida principesca que Sidharta levava e, de outro, da vida ascética exagerada que ele experimentou com os cinco monges mendicantes.
- O caminho do meio é o Mandala: o óctuplo caminho, como se viu anteriormente.
- Buda ensina que o Nirvana perfeito está além dos dualismos (no bramanismo, no cristianismo etc.), da dor e do sofrimento. A causa de toda e qualquer violência é a dor/ o sofrimento, e a causa do sofrimento é o desejo de ser, de ter, de poder, de prazeres etc.
- A grande ilusão (ignorância), segundo Buda, é pensar que se tem um ego (eu) substancial e permanente. Tudo é impermanência e insubstancialidade e o sofrimento que gera violência acontece porque queremos agarrar os objetos do desejo (pessoas e coisas, especialmente o dinheiro e os amores) e petrificar o que é dinâmico, reter o que é escorregadio por essência, na caminhada existencial.
- Falta ao brasileiro machista, no seu relacionamento com as mulheres, a dimensão de “sintonia realizadora” e não de possessão destruidora que humilha, fere, destrói, aniquila e mata.
- Falta ao macho brasileiro uma maior relativização (não anulação porque somos um feixe de instintos, pulsões e desejos) da relação que se tem com as coisas e pessoas, especialmente com as mulheres que Deus colocou para ser nosso trampolim de chegada a Ele. Não adianta querer agarrar, possuir o objeto do desejo, pois, como dizia Buda, não se pode agarrar a água corrente com as mãos, pois se esvai por entre os dedos, já que foi feita para fluir para o mar. Ninguém é de ninguém. A mulher é “com” o homem e não “do” homem.
- “Tudo passa, só Deus permanece”, já dizia Santa Teresa d’Ávila. Na caminhada existencial, portanto, a mulher brasileira não pode ser absolutizada, coisificada para ser possuída. Ela é alguém que, por sua

sensibilidade, sensualidade e espiritualidade, deveria apontar para o Absoluto.

Se assim agíssemos, nós nos apegaríamos menos ao nosso “eu”, visto de modo bastante deformado pelos brasileiros e, conseqüentemente, haveria muito menos violência contra a mulher, já que ela é, em geral, praticada como defesa desse “eu ilusório”, tão frágil, como afirma Buda, que queremos endear e perenizar na face da terra.

O budismo pode nos ajudar muito nessa reflexão sobre o nosso “apego” às coisas e pessoas, que gera tanto sofrimento e violência que se alastra impiedosamente, ceifando tantas vidas de mulheres e outras pessoas, tornando-nos cada vez mais neuróticos diante do peso de uma existência, muitas vezes, sem sentido para tanta gente.

Não se pode menosprezar os desejos, como já se viu. Buda despreza essa margem da transitoriedade (eu ilusório) para valorizar absolutamente a outra margem (*Brahman*), o verdadeiro ego, quando o mendigar as fagulhas do ser, ter e prazer é o combustível para o manter-se na existência com sentido em busca do grande Sentido.

Oxalá sejamos um pouco mais sábios, como os budistas, não nutrindo tanto um ego que pode se tornar, às vezes, bastante ilusório e que faz tanta gente sofrer e praticar a violência microscópica (contra a mulher, a família) e macroscópica (grupala, nacional e internacional)!

Valorizar o nosso “ego temporal”, mas não absolutizá-lo em seus desejos, esse seria, de um modo mais realista, à maneira brasileira, o “caminho do meio” que faria diminuir muitos dos diversos tipos de violência sistêmica contra a mulher que grassam impiedosamente na sociedade brasileira atual.

#### Referências

ALMEIDA, E. Gênero: vulnerabilidade, saúde reprodutiva e sexualidade. *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, n. 336, p. 14-16, jul.ago. 2004.

ANZAI, J. *Sidharta Gautama*. São Paulo: M. Claret, 2003.

FRAGA, P. D. Violência: forma de dilaceramento do ser social. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 70, p. 44-58, 2002.

GIRA, D. *Budismo: história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LAMAS, M. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, n. 84/85, p. 12-32, 2000.

OLIVEIRA, F. Nossos genes nos pertencem: bioética, feminismo e violência genética. *Revista Proposta*, Rio de Janeiro, n. 84/85, p.26-33, 2000.

REVISTA ISTO É, 01 jun. 2005.

SILVA, J. F. S. da. Violência, serviço social e formação profissional. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n.79, p. 133-147, 2007.

VENTURI, G.; RECAN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

Abstract: *the theme of violence is always up-to-date because it has its roots in human being's deepness, stimulated or not by social dimension. In Buddhism, the pacific religion, violence has its roots in the illusory self due to the attachment of our self (that isn't nor substantial neither permanent) to the things and persons with whom we live. In Brazil, the influence of three main races of miscegenation and the cultural predominant male chauvinism since the origins of colonization have conceived woman as subaltern to man who possesses her as thing and against whom many types of violence have been practiced, sometimes being the man afraid of losing the passion (love) object, mainly among the classes that are economic and culturally poor in the nowadays Brazilian society.*

Key-words: *Ethics and social and religious practices, Identity and religious pluralism, attachment, violence, woman*

LUIZ ALENCAR LIBÓRIO

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Mestre em Ciências da Religião pela Unicap. Bacharel em Teologia. Professor na Graduação.

JANICE MARIE SMREKAR ALBUQUERQUE

Professora de Sociologia. Mestranda em Ciências da Religião na Unicap.